

**FACULDADE CIÊNCIAS MÉDICAS DE MINAS GERAIS – CMMG**

**ANA LUIZA COELHO MARTINS  
ANA CLAUDIA MARGARIDA ROCHA  
JESSICA TAMIRES SANTOS SILVA  
LUIZA FURTADO BIONDI PINHEIRO  
SABRINA MARIA MOREIRA SODRÉ**

**PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EXERCIDAS  
PELA ENFERMAGEM OFERTADAS PELO SUS: UMA REVISÃO  
INTEGRATIVA.**

**Belo Horizonte  
2023**

**FACULDADE CIÊNCIAS MÉDICAS DE MINAS GERAIS - CMMG**

**ANA LUIZA COELHO MARTINS  
ANA CLAUDIA MARGARIDA ROCHA  
JESSICA TAMIRES SANTOS SILVA  
LUIZA FURTADO BIONDI PINHEIRO  
SABRINA MARIA MOREIRA SODRÉ**

**PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EXERCIDAS  
PELA ENFERMAGEM OFERTADAS PELO SUS: UMA REVISÃO  
INTEGRATIVA.**

Trabalho Integrado apresentado  
como parte parcial para aprovação  
no 2º ano/2º semestre do Curso de  
Enfermagem da Faculdade  
Ciências Médicas de Minas Gerais  
**Prof.ª Orientadora: Juliana Alves  
dos Reis**  
**Prof.ª Orientadora do período:  
Luciana Alves Silveira Monteiro.**

**Belo Horizonte  
2023**

## RESUMO

É indispensável que os profissionais da Enfermagem tenham conhecimento das práticas integrativas. Este estudo busca descrever quais são as práticas integrativas e complementares existentes através de uma revisão da literatura, e demonstrar os resultados destas práticas no dia a dia dos usuários e profissionais. Realizada busca eletrônica nas bases de dados BVS, Scielo e LILACS sem restrição de ano de publicação e modalidade do estudo, com restrição apenas de idioma português. A estratégia de busca retornou 53 estudos, no entanto, após leitura na íntegra somente 13 estudos atenderam a pergunta de pesquisa e foram incluídos. Recomenda-se que essas práticas sejam mais amplamente promovidas nas unidades de saúde, a fim de serem integradas à rotina de profissionais e pacientes. Enfermeiros desempenham um papel importante na utilização das Práticas Integrativas e Complementares (PICs), uma vez que os princípios dessas práticas se alinham com os paradigmas da ciência da enfermagem.

**Palavras-chave:** terapias integrativas, terapias complementares, enfermagem e sistema único de saúde.

## INTRODUÇÃO

De acordo com CEOLIN, T. *et al* (2009) as práticas integrativas hoje ofertadas no Sistema Único de Saúde (SUS) tem sua origem em condutas desenvolvidas na medicina tradicional chinesa (MTC), e hoje estão sendo resgatadas com base na crença popular sobre a utilização das plantas no tratamento de doenças.

Segundo Scliar (2007) em 7 de abril de 1948 (desde então o Dia Mundial da Saúde), o Conselho da ONU divulgou uma carta de princípios com o seguinte conceito: “Saúde é o estado de mais completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de enfermidade”. Sendo a nova definição de saúde os aspectos da biologia humana, meio ambiente onde está inserido, estilo de vida e atendimento no serviço de saúde.

Em março de 1988, foi publicada a Resolução da Comissão Interministerial de Planejamento e Coordenação (Ciplan), que regulamentou as práticas integrativas e complementares no serviço público. O governo foi responsabilizado pela criação de políticas públicas para a implementação de práticas integrativas e estratégias para a garantia de segurança e qualidade do novo serviço ofertado e o treinamento dos profissionais do Sistema Único de Saúde (SUS).

As práticas integrativas são vantajosas, por propiciar uma ausculta acolhedora, sem o uso de terapias medicamentosas, que privilegiam o autocuidado e apresentam ao indivíduo um vínculo com o ambiente, o universo, e valorizam

sua individualidade por trazer uma visão holística e propondo maior empoderamento do usuário.

As Práticas Integrativas e Complementares (PICs) contam com diversas modalidades, sendo elas: meditação, homeopatia, yoga, biodança, fitoterapia, acupuntura, terapia de florais e terapia comunitária.

Azevedo, Cissa *et al.* 2019) relata que:

“Especificamente, no contexto da enfermagem, os princípios que regem as Práticas integrativas e Complementares (PIC) são congruentes aos dessa ciência. Tanto o cuidado de enfermagem quanto as PIC partem do princípio de que suas ações se concentram no ser humano e em suas inter-relações com o meio natural, e não na patologia em si.”

Segundo Dalmolin (2019) o (SUS) enfrenta muitos desafios, contudo é indubitável a ampliação do direito à saúde a toda a população. Pelas diretrizes, é um sistema cuja gestão e planejamento se estabelecem a partir das necessidades sociais dos territórios de abrangência.

CEOLIN, T. *et al* (2009) diz em seu estudo que inicialmente, o uso das práticas integrativas foi requerido por jovens entre 20 e 35 anos, de classe média, que se identificavam com a medicina naturista. Em meados dos anos 70, ao chegarem os movimentos de contracultura da América Latina, essa modalidade da medicina ganhou popularidade. Essas práticas incluíam a medicina tradicional chinesa e avurveda, além de reinterpretações da homeopatia e fitoterapias mais populares. Os jovens acreditavam que fazendo o uso da medicina considerada natural, poderiam tratar as doenças sem correr o perigo das iatrogenias tradicionais da medicina.

Os gestores das unidades de Atenção Básica de saúde relatam que ainda há resistência por parte dos profissionais à adesão de tratamentos não medicamentosos. Estes relatam que em grande parte das vezes, o usuário não compreende que tratamentos complementares também necessitam de prescrição adequada, e estes passam a utilizar demasiadamente o recurso alegando que por se tratar de algo natural, não os fará mal. <sup>(7)</sup>

Com esta questão em mente realizou-se esta revisão de literatura com o propósito de compreender: As opções de terapias integrativas ofertadas pelo Sistema Único de Saúde são eficazes? Qual o nível de aceitação e implementação?

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de revisão integrativa, uma busca eletrônica foi realizada nas bases de dados BVS, Scielo e LILACS. Não foi aplicada nenhuma restrição ao ano de publicação e modalidade do estudo, mas foi usado um filtro para o idioma português e um filtro para textos completos. A busca foi realizada utilizando uma estratégia de associação dos termos: terapias integrativas, terapias complementares, enfermagem e sistema único de saúde. Para seleção dos estudos, inicialmente foi feita uma análise por título e, posteriormente, por resumo, o que permitiu a exclusão de alguns estudos que não se encaixavam nos critérios de escolha, sendo eles: a aceitação dos profissionais de saúde, o papel do enfermeiro e a eficácia das técnicas. Posteriormente os estudos selecionados foram lidos inteiramente e só então, uma vez atendidos os critérios de inclusão, adjuntos nesta revisão.

Para mais, foi realizada, também, uma busca ativa nas referências dos estudos incluídos a partir da busca eletrônica. Os estudos foram avaliados por cinco autores de forma autônoma em relação à elegibilidade e, em caso de discordância, um sexto avaliador foi solicitado.

Os critérios de inclusão para seleção dos estudos foram: (1) estudos realizados em unidades de saúde; (2) ensaios clínicos randomizados controlados, ensaios clínicos não randomizados, ensaios comunitários, ensaios de campo, estudos observacionais, relatos de caso ou série de casos, revisões sistemáticas ou não e estudos qualitativos; (3) estudos com indivíduos de qualquer população (condição de saúde) (4) estudos que citam as práticas e importância da

enfermagem neste processo; (5) estudos que citam a atenção primária de saúde e/ou Sistema único de saúde (SUS).

## **DISCUSSÃO E RESULTADOS**

A análise dos 16 artigos selecionados mostra que as práticas integrativas instituídas pelo SUS são consideradas uma modalidade de tratamento eficaz e com grande aceitação por parte dos usuários do serviço público de saúde e estão sendo difundidas entre os profissionais aumentando o nível de aceitação e implementação.

### **Aceitação das PICs pelos profissionais**

De acordo com os resultados coletados da pesquisa exploratória sobre a percepção dos profissionais médicos e enfermeiros da Equipe de Saúde da Família (ESF) de Florianópolis a respeito das práticas integrativas de Tesser *et al.* (2011), pode-se perceber o baixo conhecimento dos profissionais sobre as diretrizes nacionais da PNPIC e a pequena porcentagem de profissionais especializados em algum ramo da PIC. Por outro lado, há aceitação de inclusão das PICs no SUS 81% entre os profissionais analisados e interesse positivo desses indivíduos pelas práticas integrativas 59,9%.

Segundo Thiago e Tesser, 2011 “Concordar ou não com a inclusão das PIC no SUS esteve estatisticamente associado com a formação na graduação- os enfermeiros são mais favoráveis à PNPIC. Os autores justificam esse resultado da diferença de interesse entre os profissionais médicos e os enfermeiros pelas PIC correlacionando com o fato de “que os médicos se apoiam mais e justificam sua prática profissional na biomedicina e seu arsenal medicamentoso, enquanto os enfermeiros poderiam desejar dispor de práticas não biomédicas para melhor atender seus pacientes”.

Contudo, um estudo feito por Leite SN aplicado em uma equipe de saúde em Itajaí (SC) apontou os profissionais técnicos em enfermagem como aqueles que

mais indicam a fitoterapia – uma das práticas integrativas que compõe as PICs - em relação aos profissionais com ensino superior levando em consideração a sua “proximidade com as pessoas, conhecimento de suas particularidades, linguagem e problemas da comunidade”.

### **Aceitação das PICs pelos usuários dos Centros de Saúde**

A pesquisa qualitativa realizada por Magalhães e Alvim em seu estudo sobre as práticas integrativas no cuidado de enfermagem publicado em 2013, levantava uma questão ética a respeito do direito de escolha do paciente na decisão de aceitar ou não um tratamento com as PICs, e essa decisão origina-se a ter acesso adequado às informações sobre diferentes possibilidades terapêuticas. Em sua obra Magalhães explica essa autonomia como uma questão de humanização em saúde podendo ser observado no trecho abaixo:

“Sobre a humanização na saúde, pode-se destacar, ainda, que todo ser humano, quando na posição de usuário, deve ser tratado em virtude de suas necessidades de saúde e não como um meio para satisfação de interesses de terceiros. Por isso, a participação dos usuários na opção pelas PICS no cuidado, assim como no emprego de qualquer outra prática de saúde, não é só uma questão de autonomia, mas também de direito, uma questão de cidadania.”

Os resultados obtidos no estudo feito com nove usuários atendidos por profissionais enfermeiros que aplicam três práticas presentes na PICs - Reiki, Plantas Medicinais e Florais de Bach - em três instituições públicas de nível Municipal, Estadual e Federal do Rio de Janeiro, mostrou um grupo de usuários participando ativamente na construção do saber a respeito da prática terapêutica com florais, mostrando iniciativa própria para realizar o tratamento, tendo interesse e tirando dúvidas com o enfermeiro. Por outro lado, um grupo quando questionado sobre a escolha de iniciar o tratamento de fitoterapia alegou unanimemente que a decisão foi tomada pelos profissionais e que “nem faziam ideia de que existia” essa prática integrativa, caracterizando uma participação passiva desses indivíduos em relação à própria saúde.



Na conclusão de seu estudo, a autora afirma ser dever do enfermeiro compartilhar informações com os usuários acerca do emprego correto das terapias que venham a ser coadjuvantes ao tratamento e à manutenção de sua saúde.

### **Eficácia das PICs**

A crescente procura de práticas integrativas por pacientes e profissionais da saúde é uma demanda recente. Nas últimas décadas, atividades da medicina tradicional sem o consumo de medicamentos vêm sendo testadas e reconhecidas pelos órgãos e cursos da saúde, um exemplo delas é a acupuntura. Os profissionais entrevistados por alunos do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), classificavam as PICs como um entendimento mais amplo do processo saúde-doença. Destes profissionais, 12,4% relatam que possuíam especializações em homeopatia ou acupuntura, e alguns incluíam outros cursos como fitoterapia, florais, massoterapia, entre outros.

Em relação às categorias profissionais, o estudo evidencia que os enfermeiros mostram maior interesse pelas práticas integrativas, se comparados aos médicos. Parte dos entrevistados relatam não conhecer ou conhecer pouco sobre as PIC, o que influencia na implementação destas na unidade de saúde.

A incompreensão dos profissionais sobre as terapias, propiciam conhecimentos equivocados sobre as práticas integrativas, gerando dificuldades no relacionamento com os colegas praticantes e pacientes que utilizam. O uso das plantas medicinais, por exemplo, está ao alcance e saber da maioria das pessoas, e o profissional de saúde ao saber suas propriedades e formas de uso, poderia incentivar o uso.

Thiago, Sônia de Castro S et al. (2011) sugere que uma medida importante a ser tomada pelos gestores municipais e órgãos e instituições de formação de profissionais. A medida consiste em capacitar estes profissionais atuantes e em

curso para o uso e manejo das plantas medicinais nas Unidades de Saúde da Família, para que estes tenham segurança para executar a terapia e para que haja um resgate cultural do uso.

Mattos, Gerson et al. (2018) evidencia através de seu estudo sobre plantas medicinais que “algumas plantas medicinais já passaram por todas as etapas de pesquisa consideradas suficientes para atestarem sua eficácia, permitindo que façam parte do arsenal medicamentoso do profissional de saúde” <sup>(11)</sup>. Se tratando da homeopatia- uma das terapias alternativas mais utilizadas- pode-se ressaltar a prática Reiki, caracterizada pelo reestabelecimento do equilíbrio físico, mental e espiritual, com a concepção de que a energia que flui através dos corpos influenciou positivamente o processo de cura das crianças que utilizaram a terapia na cidade de Calábria, na Itália. <sup>(13)</sup>

Uma prática integrativa importante na prática de assistência à saúde é a auriculoterapia. O estudo de GURGEL, Isabela Oliva et al. (2020) diz que esta prática foi utilizada em gestantes de baixo risco durante o pré-natal para ajudar a diminuir a ansiedade, e o resultado foi eficaz.

Ela também diz em seu estudo que:

“As práticas integrativas estão em constante avanço no meio das intervenções em saúde, caracterizando-as em escolha de preferência para tratar transtornos de ansiedade, uma vez que possuem riscos diminuídos de efeitos adversos, bem como têm apresentado resultados positivos, demonstrando significativa redução da ansiedade e aumento no vínculo materno-fetal.”

A Medicina Tradicional Chinesa (MTC) evidencia, no domínio de suas práticas, a auriculoterapia-prática que usa o pavilhão auricular como local de intervenção, pois possui a representatividade do corpo humano em sua totalidade. Este estudo foi realizado na modalidade de: estudo clínico randomizado, simples-cego, realizado em um ambulatório de pré-natal de baixo risco em uma maternidade filantrópica, no Espírito Santo, Brasil. Sua amostra foi realizada com um total de 50 gestantes, destas 25 foram do grupo controle e 24 do grupo de intervenção. No grupo intervenção, após a auriculoterapia no período entre terceira e quarta consulta evidenciou redução da ansiedade de forma significativa. Já no grupo controle, não houve redução, o que revela efetividade

da prática integrativa. As gestantes se mostraram adeptas à prática executada pelo profissional enfermeiro durante a consulta pré-natal, visto o baixo custo terapêutico para o sistema de saúde e sua aplicabilidade efetiva.

Por fim, as PICs também são utilizadas de forma geral por pacientes com câncer. A oncologia integrativa associa as PICS aos tratamentos convencionais quando percebem que não há riscos à saúde de seu paciente. É importante ressaltar que quando há interferência negativa no tratamento, a prática em uso será descartada. O efeito foi estatisticamente significativo quando avaliado por instrumentos de sofrimento dos pacientes com câncer e qualidade de vida. O autor diz que “Torna-se relevante também que o enfermeiro conheça as práticas mais frequentemente utilizadas e tenha conhecimento para indicá-las ou contra indicá-las, quando assim se fizer necessário”.

### **O enfermeiro na implementação das PICS**

Resolução COFEN-197/97, “Estabelece e reconhece as Terapias Alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem”. Para isso o profissional deverá ter concluído um curso oferecido por instituição de ensino reconhecida com carga horária mínima de 360 horas.

A implementação das práticas integrativas envolve as problemáticas de natureza ética do processo de cuidar dos enfermeiros. É importante ressaltar que o profissional deve aplicar as PICs quando o usuário tem a opção de escolha desta abordagem no cuidado, fazendo assim com que tenha autonomia no processo.

O profissional de enfermagem, ao implementar tais práticas deve ter como princípio a valorização dos saberes tanto do enfermeiro quanto do usuário, possibilitando uma troca de saberes. O emprego desta prática não está ligado a políticas institucionais, e sim ao interesse do profissional que vai aplicar como terapêutica uma prática não medicamentosa. A prática integrativa pelo enfermeiro é garantida por princípios constitucionais, conforme inciso II, do artigo 5º da Constituição Federal.

É importante a atenção do enfermeiro para garantir que usuário seja tratado em virtude de suas necessidades. Por isso, a terapia complementar/integrativa é uma opção de escolha individual, ativa, e autônoma do cliente, visando a interioridade dele como ser humano. A enfermagem nessa abordagem propicia ao cliente a mobilização de seus próprios recursos de saúde.

Em suma, o enfermeiro deve promover este bem-estar de acordo com os valores, necessidades e crenças de cada um. Entre as práticas integrativas, há relatos positivos sobre a eficácia e mudança de vida dos usuários após a sugestão desta prática pelo profissional a que estava sendo cuidado. O diálogo promove a difusão de ideologias, e a concepção de cuidado holístico.

A acupuntura, especificamente na enfermagem, é considerada uma tecnologia de cuidado. As terapias holísticas e complementares, foram reafirmadas como especialidade do profissional enfermeiro na resolução COFEN nº 581 de 2018, respaldando este profissional para desenvolver a atividade e pesquisas na área. A resolução legaliza o exercício da acupuntura pelo profissional não médico.

Pela Portaria nº 853, de 17 de 2006, que inclui, na Tabela de Serviços/classificações do Sistema de Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (SCNES), as PIC descritas. Dentre as modalidades, as PICs ofertadas por enfermeiros no SUS abrangem outras técnicas da MTC, atividade física, medicina antroposófica, práticas corporais, acupuntura, fitoterapia, termalismo e crenoterapia.

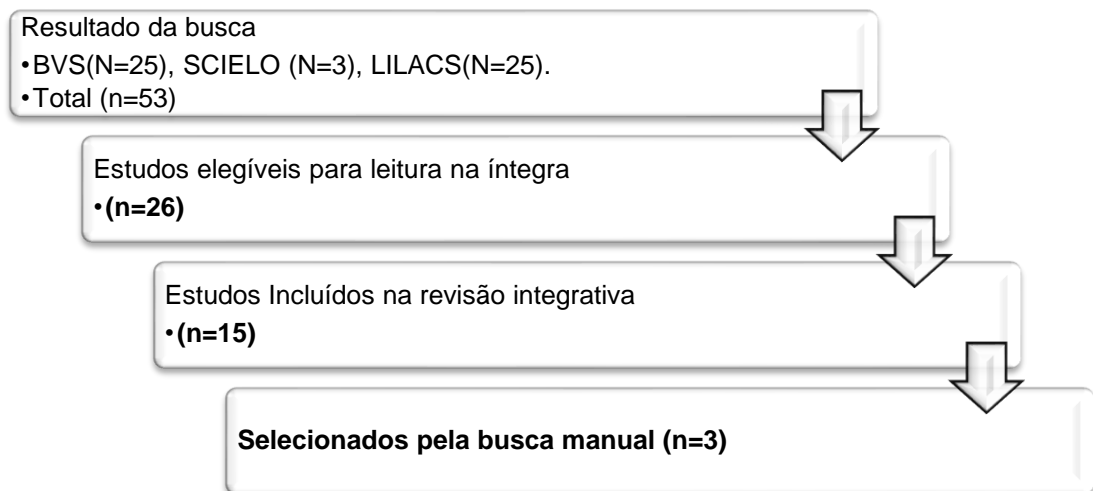
Em relação ao aspecto ético da atividade, o enfermeiro deve ter a responsabilidade de explicar todas as opções, apresentar a terapia explicando primeiramente o que são medicamentos fitoterápicos, e sanar todas as dúvidas deste usuário, para que essa prática holística não se transforme em biomedicina mecanicista.

As PICS resgatam princípios da Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, onde evidencia que saúde é algo construído e vivido pelas

peças dentro do que fazem no dia-a-dia. O enfermeiro ao cuidar do seu paciente, deve incentivar a autonomia, corresponsabilidade, protagonismo e ajudá-la a crescer e se realizar dentro de suas perspectivas.

A estratégia de busca eletrônica retornou 53 estudos. Desses, 27 foram excluídos ao serem utilizados os filtros: idioma português e textos completos. Após a leitura dos títulos e resumos dos estudos restantes, 26 foram selecionados para a leitura na íntegra. Após essa etapa, 13 estudos foram incluídos nesta revisão. A busca manual nas referências dos estudos incluídos a partir da busca eletrônica retornou três artigos. Dessa forma, o número total de estudos incluídos e descritos no presente estudo foram 15 artigos (A principal razão para a exclusão dos estudos foi a não conformidade com os questionamentos que se pretende discutir após conclusão do estudo).

**Figura 1 - FLUXOGRAMA DE INCLUSÃO DE ESTUDOS**



Fonte: Dados do estudo.

**Quadro 1 - Apresentação dos artigos incluídos na revisão integrativa**

TÍTULO	AUTORES	ANO	DELINEAMENTO DO ESTUDO	DESFECHO
Acupuntura na Enfermagem brasileira: dimensão ético-legal	Leonice Fumiko Sato Kurebayashi, Taka Oguisso,	2009	Estudo que teve como objetivo contribuir para a reflexão acerca da prática profissional da acupuntura pelo enfermeiro,	Concluiu-se que a participação da enfermagem na regulamentação legal para a atividade de acupuntura é urgente e necessária, para

	Genival Fernandes de Freitas		contemplando as dimensões ético-legais do exercício dessa atividade.	estabelecer seus limites e abrangência, sem, contudo, limitar-se a uma determinada categoria profissional.
Acupuntura no Tratamento Complementar da Diabetes Mellitus Tipo II: Intervenção Clínica Aplicada por Enfermeiros Acupunturistas	Claudia Dayube Pereira	2015	Objetivou-se com este estudo avaliar a eficácia da Acupuntura como tratamento complementar ao medicamentoso empregado nos portadores de DM tipo II, tendo por base os Diagnósticos de Enfermagem.	Acupuntura pode ser utilizada como tecnologia de enfermagem eficaz no tratamento complementar do DM tipo II.
Acendendo as Luzes: uma inovação no Cuidado a Saúde dos Pacientes Oncológicos, Familiares e Equipe.	Gelvani Locateli	2020	Relatar a experiência de implantação das Terapias Integrativas e Complementares através do projeto de Extensão Luzes.	As ações realizadas pelo projeto foram consideradas positivas pelos pacientes e familiares e equipe.
Efeitos da auriculoterapia na ansiedade de gestantes no pré-natal de baixo risco.	Hércules Luz da Silva	2020	Avaliar os efeitos da auriculoterapia nos níveis de ansiedade em gestantes atendidas em pré-natal de baixo risco.	A auriculoterapia pode ajudar a diminuir a ansiedade em gestantes durante o pré-natal de baixo risco, sendo uma prática integrativa e complementar em potencial no âmbito do Sistema Único de Saúde, tendo o enfermeiro acupunturista relevante importância nesse processo.
Fitoterapia na atenção básica: estudo com profissionais enfermeiros	Alinne de Fátima Pires Oliveira	2016	Investigar a compreensão de enfermeiros sobre a Fitoterapia e averiguar as estratégias necessárias para a consolidação desta prática na Atenção Básica	Tais categorias demonstraram a falta de compreensão dos enfermeiros acerca da Fitoterapia e de suas políticas, assim como estratégias necessárias para a consolidação desta na Atenção Básica.
Novas formas de cuidado através das práticas integrativas no sistema único de saúde	Wagner Couto Assis	2018	Relatar a experiência na realização de oficina de fomento à reflexão sobre a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC).	A realização de oficinas cria espaços de reflexão para que os futuros profissionais entendam a necessidade de incluir as Práticas Integrativas e Complementares em sua prática clínica e nos processos de trabalho.
Percepção de médicos e enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família sobre terapias complementares	Sônia de Castro Thiago	2011	Analisar a percepção de profissionais da Estratégia de Saúde da Família sobre práticas integrativas e complementares.	Existe a aceitação das práticas integrativas e complementares pelos profissionais estudados, associada ao contato prévio com elas e possivelmente relacionada à residência/especialização em medicina de família e

				comunidade/saúde da família.
Percepção de pacientes sobre a prática de Yoga em unidade de internação psiquiátrica em hospital geral	José Augusto da Silva Filho	2020	Compreender o significado da prática de yoga para pacientes em uma Unidade de Internação Psiquiátrica em um Hospital Geral.	o fenômeno em estudo foi sustentado pelas unidades temáticas: emergir da corporeidade; sensações de bem-estar, leveza, tranquilidade e paz; melhora no padrão de pensamento; quebra de paradigmas; melhoria na qualidade do sono; movimento de temporalidade.
Plantas medicinais e fitoterápicos na Atenção Primária em Saúde: percepção dos profissionais	Gerson Mattos	2018	Identificar conhecimentos e práticas em relação à prescrição e/ou sugestão de uso de plantas medicinais e fitoterápicos pelos profissionais de saúde.	Apesar dos profissionais serem experientes, a maioria deles desconhece a PNPIC e a existência de plantas medicinais e fitoterápicos compoendo a RENAME.
Práticas integrativas e complementares no cuidado da enfermagem: Um enfoque ético	Mariana Gonzalez Martins de Magalhães	2013	Os objetivos deste estudo foram caracterizar a participação de usuários na opção e no cuidado de enfermagem por meio de práticas integrativas e complementares de saúde (PICS); e analisar esta participação sob o enfoque ético do cuidado de enfermagem.	Há de se ter atenção para que seja preservada a essência da integralidade das PICS, seus princípios e finalidades.
Práticas integrativas e complementares no cuidado em saúde de crianças	Barbara Vitória dos Santos Torres	2021	Identificar trabalhos científicos que abordem a utilização das Práticas Integrativas e Complementares em crianças, como forma do cuidado em saúde.	A literatura científica carece de dados que permitam caracterizar o uso das terapias complementares, no público infantil, com uma maior consistência
Prevalência de práticas integrativas e complementares em pacientes submetidos à quimioterapia antineoplásica	Isabela Oliva Gurgel	2019	Analisar a prevalência das práticas integrativas e complementares em pacientes que realizam quimioterapia antineoplásica.	A prevalência de utilização de práticas integrativas foi de 77,1%, sendo a espiritualidade a mais utilizada.
Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: Atitude de aplicação de acesso.	Ministério da Saúde	2006	Narrar os passos da criação e trajetória das Práticas Integrativas e Complementares (PICs).	Não se aplica.
História do conceito de saúde	Moacyr Scliar	2007	Análise dos conceitos de saúde e de doença e sua evolução histórica.	Não se aplica.

Fonte: Dados do estudo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As práticas integrativas e complementares, portanto, estão inseridas no cuidado à saúde na Atenção Primária, seja no ESF, seja em grupos específicos de cuidados de saúde guiados no SUS ou em qualquer outro ambiente. Como demonstrado, independente das adversidades enfrentadas quando se trabalha com vários indivíduos caracterizados por situações distintas, esse processo prático se mostrou eficiente na maioria dos estudos citados, esta eficácia contribui para o processo de trabalho do enfermeiro que está fundamentado na promoção, prevenção e educação em saúde. Muito se utiliza esse recurso hoje na Atenção Primária, através de diversos profissionais, visando objetivos variados, todos envolvidos no cuidado à saúde de cada indivíduo, que tem esse direito e, cada vez mais, essa necessidade.

Como dificultador do trabalho podemos citar que o contato dos enfermeiros com as PIC ocorre apenas em cursos de especialidades e qualificações, tornando o conhecimento insuficiente para uma implementação maior. Mesmo após a implementação da política, os enfermeiros não apresentaram avanços relacionados ao quantitativo de procedimentos realizados por eles. Sem o conhecimento necessário, os profissionais não conseguem indicar ou descrever as terapias aos usuários.

A população espera de nós o saber das ciências em saúde, e estes incluem as práticas de saúde não medicamentosas. Através deste estudo entendemos que é necessário trabalhar com as diferentes formas de terapias. Sugerimos também que estas práticas sejam mais difundidas nas unidades de saúde para que possam ser implementadas no dia a dia dos profissionais e pacientes. O



enfermeiro tem destaque na utilização das PICs, uma vez que os princípios da prática são correlacionados aos paradigmas da ciência da enfermagem.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Jordana *et al.* Práticas Integrativas e Complementares na atenção básica em saúde: um estudo bibliométrico da produção brasileira. **Saúde em Debate**, [s. l.], v. 43, n. 123, 2019. DOI ISSN 2358-2898. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104201912318>>. Epub 09 Mar 2020. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201912318>>. Acesso em: 3 out. 2021.

AZEVEDO, Cissa *et al.* Complementary and integrative therapies in the scope of nursing: legal aspects and academic-assistance panorama. **Escola Anna Nery**, [s. l.], v. 23, n. 02, 2019. DOI ISSN 2177-9465. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0389>>. Acesso em: 9 out. 2021.

BECKHAUSER, Gabriela Colonetti *et al.* Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. **Revista Paulista de Pediatria**, [s. l.], v. 28, n. 3, 2010. DOI ISSN 1984-0462. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-05822010000300002>>. Acesso em: 12 out. 2021.

CEOLIN, T *et al.* A inserção das terapias complementares no sistema único de saúde visando o cuidado integral na assistência. *Enferm. glob*, [s. l.], n. 16, jun. 2009. Disponível em: <[http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1695-61412009000200017&lng=es&nrm=iso](http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1695-61412009000200017&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 10 out. 2021.

DALMOLIN, Indira Sartori *et al.* Práticas integrativas e complementares no Sistema Único de Saúde: desvelando potências e limites. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, [s. l.], v. 53, 2019. DOI ISSN 1980-220X. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018026603506>>. Acesso em: 9 out. 2021.

GURGEL, Isabela Oliva *et al.* PREVALÊNCIA DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM PACIENTES SUBMETIDOS À QUIMIOTERAPIA ANTINEOPLÁSICA. **Cogitare Enfermagem**, [s. l.], v. 24, 2019. DOI ISSN 2176-9133. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/64450>>. Acesso em: 11 out. 2021.

MAGALHÃES, Mariana Gonzalez Martins de e Alvim *et al.* Práticas integrativas e complementares no cuidado de enfermagem: um enfoque ético. **Escola Anna Nery**, [s. l.], v. 17, n. 4, p. 646-653, 2013. DOI ISSN 2177-9465. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/1414-8145.20130007>>. Acesso em: 11 out. 2021.

MATTOS, Gerson *et al.* Plantas medicinais e fitoterápicos na Atenção Primária em Saúde: percepção dos profissionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 23, n. 11, p. 3735-3744, 2018. DOI ISSN 1678-4561. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.23572016>>. Acesso em: 9 out. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Br). Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPICSUS. **Ministério da Saúde**, Brasília, 2006. Disponível em: Disponível em: <<http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2021.

SCLIAR, MOACYR. História do conceito de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [s. l.], n. 17, p. 29-41, 2007. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100003>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/WNtwLvWQRFbscbzCywV9wGq/?lang=pt>>. Acesso em: 9 out. 2021.

SILVA, Hércules Luz da *et al.* Efeitos da auriculoterapia na ansiedade de gestantes no pré-natal de baixo risco. **Acta Paulista de Enfermagem**, [s. l.], v. 33, 2020. DOI ISSN 1982-0194. Disponível em: <<https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO0016>>. Acesso em: 11 out. 2021.

THIAGO, Sônia de Castro S; TESSER, Charles Dalcanale. Percepção de médicos e enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família sobre terapias complementares. **Revista de Saúde Pública**, [s. l.], v. 45, n. 2, p. 249-257, 2011. DOI ISSN 1518-8787. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-89102011005000002>>. Acesso em: 11 out. 2021.

TORRES, Barbara Vitória dos Santos *et al.* Práticas integrativas e complementares no cuidado em saúde de crianças: revisão integrativa. **Enfermagem em Foco**, [s. l.], v. 12, n. 1, 2021. DOI ISSN 2357-707X. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3753>>. Acesso em: 11 out. 2021.